

Arte no Egito Antigo

CONHECER AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA ARTE PRODUZIDA PELOS EGÍPCIOS NA ANTIGUIDADE.

AUTOR(A): PROF. HELIDA BALARDINI LANCA VICENTE

A sociedade egípcia se desenvolveu às margens do rio Nilo, cerca de 5.000 a.C., ao mesmo tempo em que os mesopotâmicos estavam entre os rios Tigre e Eufrates.

Dentre os povos da antiguidade, os egípcios se destacaram como um dos mais avançados em matemática, astronomia, medicina e artes. Tinham uma organização social bastante complexa: faraó, sacerdotes, escribas, nobres, militares, artesãos, camponeses e escravos. Uma forte característica deste povo é a interferência direta da religião em todos os aspectos da vida. A religião era a motivação maior para a vida e, em consequência disso, também para a arte.

Eram politeístas e acreditavam que os deuses podiam interferir diretamente na história humana. Além disso, acreditavam na vida após a morte, muitas vezes dando maior valor a esta, do que à própria vida terrena. O faraó era visto como um deus vivo e, depois de morto, precisava ser divinizado. Isso justifica a construção de templos, sarcófagos e pirâmides tão grandiosas.

Acreditavam que a alma continuava viva após a morte do corpo, e isso os conduzia a uma série de práticas bastante peculiares como, por exemplo, a mumificação dos corpos, a construção de tumbas absolutamente suntuosas e a necessidade de enterrar a riqueza junto com os mortos.

Muito vaidosos, homens e mulheres usavam maquiagem. Tinham cuidados com a estética corporal e capilar, com técnicas bastante desenvolvidas e dominadas por eles. Também pela vaidade, este povo dominou ourivesaria, confeccionando as mais belas joias para adorno dos ricos e também dos túmulos.

Arquitetura

A arquitetura egípcia é de proporções grandiosas, e há quem diga que os arquitetos deste período eram aqueles que tornavam reais os sonhos dos homens. Os faraós viviam em palácios extremamente luxuosos, assim como os nobres e os sacerdotes. Eles também se ocupavam de garantir a construção de seus próprios túmulos (pirâmides, mastabas e hipogeus), para uma boa vida após a morte. Em razão disso, as construções envolviam grande número de trabalhadores e escravos, bem como minucioso planejamento e medição.

A construção das pirâmides é, sem dúvida, o grande feito da arquitetura egípcia. Quéops, Quéfrem e Miquerinos são as mais famosas, construídas entre 2.720 e 2.560 a.C. e localizadas no Cairo. São consideradas uma das sete maravilhas do mundo antigo e, para se ter uma ideia da imensidão, a maior delas (Quéops) tem 146 metros de altura!

Nas palavras de Golberg e D'Ambrosio , as pirâmides



“constituíam monumentos funerários que simbolizavam a escada que conduzia o Morto em direção a Rá, o deus Sol. O Defunto, na esperança de que o Além fosse semelhante à vida, era enterrado junto a alimentos, joias, barcos, papiros de orações, móveis, gado e até escravos. Se passasse no julgamento de Osiris, o faraó e sua comitiva continuariam a existir indefinidamente em um Outro plano” (GOLDBERG e D'AMBROSIO, 1992, p.59).

A construção de templos também ocupou muito da produção arquitetônica deste povo. Grandiosos e repletos de luxo, com entradas magníficas e esfinges ao redor, e decorados com inspiração na paisagem egípcia.

Os obeliscos eram uma outra forma de arquitetura deste povo. Não diferente do que conhecemos hoje, o obelisco egípcio era uma coluna vertical no solo, com a ponta em formato triangular em direção ao céu. Eram erguidos em homenagem aos deuses.

Sem comprovação das técnicas utilizadas, a arquitetura egípcia ainda é considerada um grande mistério para a humanidade.

Pintura

A pintura egípcia se desenvolveu em conformidade com a *Lei da Frontalidade*, que determinava que os olhos e os ombros das pessoas fossem apresentados sempre de frente para o observador da obra, mesmo que os pés e a cabeça estejam de perfil.



“O estilo egípcio englobou uma série de leis muito rigorosas, que todo artista tinha que aprender desde muito jovem. As estátuas sentadas tinham que ter as mãos sobre os joelhos; os homens tinham que ser pintados com a pele mais escura do que as mulheres; a aparência de cada deus egípcio era rigorosamente estabelecida: Horo, o deus-sol, tinha que ser apresentado como um falcão ou com uma cabeça de falcão; Anúbis, o deus da morte, como um chacal ou com uma cabeça de chacal” (GOMBRICH, 2000, p. 65).

Era feita nas paredes e também nos papiros (folha de papel proveniente da planta com o mesmo nome). Muito podemos aprender a respeito da sociedade egípcia a partir das pinturas que foram encontradas nas ruínas de palácios e túmulos. Predominavam as cores avermelhadas, o marrom e o branco.

Objeto disponível na plataforma

Informação:

Arte no Egito Antigo



ARTE E EDUCAÇÃO

Escultura

A escultura ocupou um lugar bastante importante na produção artística dos egípcios, representando os deuses, os faraós, as rainhas e sacerdotes, bem como as pessoas comuns. A rigidez nas formas é uma característica marcante, além do fato de homens terem sempre uma cor mais escura que as mulheres, e também um tamanho maior.



Música

A música egípcia, assim como toda a sua produção artística, também se desenvolveu em função da crença religiosa. Cantavam e tocavam para homenagear os deuses, com frequentes batidas de palmas (um som que era tão valorizado quanto um instrumento musical), canto e percussão.

Inicialmente, os tambores eram feitos de barro e cobertos com pele animal. Com a evolução, chegaram a produzir trombetas, flautas, oboés, harpas e órgãos. Vale ressaltar que as flautas só podiam ser tocadas por mulheres.



“Foram os egípcios que inventaram a Harpa. No início tinha apenas 7 cordas mas chegou a ter 20 com cravelhas para afinação. Era incrustada de prata, ouro e pedras preciosas”

(FREDERICO, 1999, p. 24).

Não há registros da produção egípcia, visto que ainda não existia a escrita musical, muito menos gravações. O que sabemos a história nos trouxe através de registros escritos, que nos esclarecem um pouco a respeito do assunto.

Teatro e dança

As manifestações cênicas no antigo Egito se davam em razão de homenagens aos deuses e ao faraó. Assim como era também em outras expressões da arte, o teatro e a dança estavam a serviço de uma vida que viria depois da morte, e que seria boa apenas se garantissem determinadas manifestações aos deuses durante a passagem terrena.



“Os músicos e dançarinas, banquetes e procissões e as oferendas sacrificiais retratados nos murais dos templos dedicados aos mortos testemunham a preocupação dos egípcios com um além-mundo onde nenhum prazer terreno poder ia faltar” (BERTHOLD, 2001, p. 10-11).

Ainda não se tratava de um teatro nos formatos em que conhecemos atualmente, desenvolvido apenas na antiguidade clássica, mas sim de atividades que eram desenvolvidas em razão religiosa. Ou seja, a intencionalidade não era cênica, mas, mesmo assim, a ação era.

Havia a existência do público, havia o exercício cênico, mas faltou aos egípcios uma prática que colocasse em conflito a sua própria vontade mediante a vontade dos deuses. Apenas aí nasceria o verdadeiro exercício do drama, mas isso não aconteceu.

ATIVIDADE

Assinale a alternativa que não se refere às características da pintura egípcia.

- A. Seguia a "*Lei da Frontalidade*": ombro e olhos de frente mesmo que o restante do corpo estivesse de perfil.
- B. Utilizava os tons avermelhados, o marrom e o branco.
- C. Era feita nas paredes e também nos papiros.
- D. Não estava relacionada a nenhuma crença religiosa.

Curiosidade:

A maldição era um fungo

Guiado por um xequê, o viajante inglês Richard Pococke, em 1743, foi o primeiro a chamar a atenção da Europa para uma região conhecida como Vale dos Reis, a oeste de Tebas, no Egito. Ele tinha avistado catorze dos sessenta túmulos existentes no Vale, mas não sabia que todos os faraós e nobres mortos entre 1567 e 1085 a.C. estavam ali enterrados. Na época de Pococke, era impossível explorar o local: todos os que se aproximavam eram expulsos por quadrilhas de ladrões que habitavam as colinas. Talvez a primeira grande descoberta tenha ocorrido em 1881, quando o subdiretor do Museu do Cairo, Emile Brugsch, seguindo a pista de um ladrão, encontrou num poço nada menos de 31 caixões e 24 múmias, entre elas, a do faraó Ramsés II (reinou de 1304 a 1237 a.C.). A maioria dos túmulos havia sido saqueada por ladrões. No início deste século, aparentemente tudo o que restava de valor já estava exposto em museus. talvez por isso a descoberta mais empolgante tenha sido a múmia do faraó Tutankhamon (reinou de 1361 a 1352 a.C.), no dia 4 de abril de 1923. Foi a consagração do arqueólogo inglês Howard Carter, que levou 23 anos procurando o túmulo. Mas, como Lord Carnavon, o milionário que financiara essa busca, morreu repentinamente um mês depois da descoberta, surgiu a lenda de sua maldição, mesmo porque no túmulo havia a inscrição: "A morte tocará com suas asas aquele que desrespeitar o faraó". Para reforçar essa crença, nos meses seguintes outros 25 membros da expedição inglesa morreram em condições misteriosas. Só há três anos, médicos franceses conseguiram explicar essas mortes: os pesquisadores que entraram na tumba do faraó respiraram um ar impregnado de fungos. Isso causou uma reação alérgica de insuficiência respiratória, que acabou matando-os por asfixia.

(Revista Superinteressante, Abril, n.6, 1988)

REFERÊNCIA

BERTHOLD, Margot. História mundial do teatro. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FREDERICO, Edson. Música: breve história. São Paulo: Ed. Irmãos Vitale, 1999.

GOLDBERG, Jacob Pinheiro; D'AMBROSIO, Oscar. A Clave da Morte. São Paulo: Editora Maltese, 1992.

GOMBRICH, Ernest H. A história da arte. 16ª ed. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2000.

